

Comemoração ao centenário do trabalho de Sigmund Freud:  
“Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico” (1916)

**As exceções**

Por Daniel Delouya\*

O ano de 1916 viu nascer sob a pluma de Freud não só o livro das *Conferencias*, fonte continua de atração à psicanálise, mas outros textos como *Transitoriedade* e *Alguns tipos de caracteres encontrados na prática psicanalítica*. Poético (o primeiro) e a partir de personagens literárias (o segundo), ambos lançam uma nova luz sobre os impasses clínicos, permitindo o remanejamento da técnica e o aprofundamento do pensamento psicanalítico. No último texto, Freud mostra como a análise de certos sujeitos coloca em relevo traços de caracteres, insuspeitáveis até então, que os tornam ou rebeldes à educação de nossos impulsos, ou covardes diante da oportunidade de sua realização, ou buscando, em razão de uma arraigada culpa, o castigo, cometendo crime. Vamos nos focar no primeiro grupo, ao qual Freud se dedica na primeira parte do citado ensaio.

O que intriga Freud é o fato desses sujeitos não serem permeáveis ao efeito da oferta de amor, inerente à disposição da escuta de quem os recebe para o tratamento. O amor foi nosso grande educador: garantia que nos incentivava postergamos a satisfação de nossos impulsos em face às restrições impostas pelas necessidades inerentes ao convívio em sociedade. Quando a análise demanda desses pacientes o sacrifício da renúncia de satisfação momentânea em vista de um final melhor, eles a recusam, exigindo serem poupados de novas requisições. “Já sofremos o bastante”, e pedem licença em serem considerados *exceções*, reivindicando prerrogativas ante os demais.

O caráter literário do *Ricardo III*, de Shakespeare, por meio do qual Freud explana esse fenômeno, parece dizer: ‘a natureza cometeu uma grave injustiça comigo... A vida me deve por isso uma reparação, que eu tratarei de conseguir. Eu tenho direito de ser uma exceção, de não me importar com os escrúpulos que detêm os outros. Posso ser injusto’. Um discurso e justificativas familiares a todos, seja da vida privada, seja da vida pública e política. O paradoxo é que essa posição de insubmissão impede a inserção do sujeito entre os demais, assim como solapa a possibilidade da análise. Esses sujeitos têm razão, eles sofrerem em tenra idade de vivências que os colocou em desvantagem. Sua reivindicação de serem excepcionais para os outros revela uma demanda anacrônica. Pois essa ilusão, de ser especialíssimo, rei e único para a mãe do início da infância, é uma condição imprescindível para o amor, instaurando a confiança e a esperança em face a necessidade futura de tolerância das frustrações. A demanda de reparação é, pois, justificada, mas deslocada em relação ao objeto, ao tempo e ao espaço.

Como dissemos acima, foi esse impasse clínico, trágico, verdadeira reação terapêutica negativa que proporcionou nova atenção às problemáticas narcísicas e um crescente êxito em relação a elas. E quanto à familiaridade dessa reivindicação no cenário da vida privada e pública/política, ela demonstra consequências danosas em ambos os foros. Freud, no entanto, nos lembra outro terreno em que essa reparação é, incessantemente, reclamada. O rancor feminino, devastador por vezes -e dirigido de início contra a mãe da infância-, e as reivindicações por recompensas enraízam-se no sentimento de prejuízo nelas pela má-sorte de terem nascido mulheres.

O ensaio de Freud é uma janela para extensas pradarias da futura psicanálise...

\* Daniel Delouya é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e ex-presidente da Febrapsi (gestão 2016-2017).